



COMENTÁRIOS DA CRÍTICA

“Os bonecos, fantásticamente manipulados por Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Agnaldo Souza e Maurício Santana, contam a história lutando karatê, tomando chá, tocando guitarra, dançando, caindo, levantando, rodopiando no ar e tudo mais que se possa imaginar. O espetáculo é belo e muito cuidado nos mínimos detalhes como a cenografia de Telumi Hellen, a iluminação de Renato Machado, os figurinos (lindos!) de João Pimenta e a fantástica trilha de Arrigo Barnabé que comenta toda a ação da peça.”
José Cetra – Palco Paulistano

“Impressiona a movimentação dos bonecos, que conseguem realizar desde movimentos amplos, como saltos mortais e lutas, até uma comunicação gestual minuciosa, como se abanar com um leque, servir um chá com líquido de verdade e passar a xícara para o outro personagem.”

Mônica Rodrigues da Costa – Guia OFF

“As cenas que se passam no castelo demonstram uma maestria na manipulação de bonecos que, já que falamos da passagem do tempo, evidenciam o trabalho minucioso de quase 40 anos de grupo. Os movimentos dos bonecos de luva são impressionantes e nos dão o prazer da brincadeira, que é tão caro ao teatro que se propõe à imaginação. Há cenas de técnica inacreditável, como um boneco servindo chá a outro, com direito a passar a xícara de mão em mão. A delicadeza no trato com os objetos é sempre contraposta de forma divertidíssima pelo deboche que vem no texto das personagens.”
Beatriz Porto – Deus Ateu

“Saí de lá com nó na garganta. Me emocionei com tanta alegria em cena, tanta brincadeira, tanto deboche. O Sobrevento em um registro de atuação que seus fãs há tempos não viam. O Sobrevento é mesmo um orgulho nacional quando consegue assim, com essa expertise, ir além dos limites mais comuns da animação feita ao vivo no teatro.”

Dib Carneiro Neto – Infoteatro



Formado em 1986, o GRUPO SOBREVENTO é um grupo profissional de Teatro que mantém um repertório de espetáculos e que se dedica à pesquisa, teórica e prática, da animação de bonecos, formas e objetos. Desde sua fundação, o Grupo mantém um trabalho estável e ininterrupto e tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 23 estados brasileiros. O SOBREVENTO esteve, também, no Peru (1988), Chile (1996, 2002, 2009, 2010 e 2017), Espanha (1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2018), Colômbia (1998 e 2002), Escócia (2000), Irlanda (2000), Argentina (2001), Angola (2004), Irã (2010), México (2010), Suécia (2011), Estônia (2011), Inglaterra (2013), França (2017), Eslováquia (2018), China (2017 e 2019), Índia (2020) e Cuba (2023), representando o Brasil em alguns dos mais importantes Festivais Internacionais de Teatro e de Teatro de Bonecos.

Os espetáculos do Grupo são muito diferentes entre si, quer seja na temática, quer seja na forma, na técnica de animação empregada, no espaço a que se destina ou no público a que se dirige. Têm recebido, constantemente, Prêmios ou indicações para Prêmios da importância do Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Coca-Cola, Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), sendo sempre apontados pela crítica especializada entre os melhores de suas temporadas. Por duas vezes consecutivas, em 1994 e em 1995, o SOBREVENTO recebeu do Ministério da Cultura o Prêmio Estímulo, pelo conjunto dos seus trabalhos e “pela sua contribuição ao panorama das Artes e da Cultura do país”.

Além das apresentações de seus espetáculos, o SOBREVENTO desenvolve diversas atividades no campo do Teatro de Bonecos e de Animação, como a realização de Cursos, Oficinas, Palestras e Mesas-Redondas, tanto no Brasil como no exterior. Realizou, também, duas Mostras Internacionais de Teatro de Animação no Rio de Janeiro, em 1992 e em 1995, e foi diretor artístico do Primeiro Festival Internacional de Teatro do Rio de Janeiro - Rio Cena Contemporânea, em junho de 1996 e curador do Festival SESI BONECOS DO MUNDO, realizado em Brasília (2005), em São Paulo (2006), em Manaus (2007), em Recife (2008) e em Brasília (2009), do Festival SESI BONECOS DO BRASIL, realizado em diversas cidades das regiões Sudeste e Sul, entre agosto e setembro de 2006. Também fora dos Festivais que organizou, foi responsável pela vinda e pela circulação pelo país de diversas companhias estrangeiras de Teatro de Bonecos. Atualmente é curador do Festival Internacional de Teatro de Objetos - FITO realizado em diferentes capitais do país, desde 2009. Em 2003, 2004, 2006, 2008, 2012, 2014, 2016, 2017, 2020 e 2022 foi apoiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Em 2010, foi patrocinado, por dois anos, pela Petrobras.

Os últimos espetáculos do Sobrevento foram Mozart Moments (1991), Beckett (1992), O Theatro de Brinquedo (1993), Ubu! (1996), Cadê o meu Herói? (1998), O Anjo e a Princesa (1999), Brasil para Brasileiro Ver (1999), Submundo (2002), O Cabaré dos Quase- Vivos (2006), O Copo de Leite (2007), Orlando Furioso (2008), Meu Jardim (2010), Bailarina (2010), A Cortina da Babá (2011), São Manuel Bueno, Mártir (2013), Sala de Estar (2013), Eu Tenho uma História (2014), Só (2015), Terra (2016), Escombros (2017), Noite (2019), O Amigo Fiel (2019), Pérsia (2022), Pra lá de Teerã (2022) e Cadê o Sobrevento? (2023). Dirigido, ainda hoje, por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, seus fundadores, o Grupo Sobrevento é reconhecido, nacional e internacionalmente, como um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Animação e uma das principais Companhias estáveis de Teatro do Brasil.



Há 20 anos, o famoso Grupo de Teatro de Bonecos Sobrevento, conhecido pelo espetáculo “Cadê o Meu Herói?”, desapareceu sem deixar vestígios. Grafites e protestos no país exigem respostas. No mesmo castelo que servia de cenário para o espetáculo de antigamente, uma baronesa aprisiona a sua filha, que busca explorar o mundo exterior ao completar 18 anos. Enfrentando monstros e heróis, a história revela as mudanças no Sobrevento, no seu Teatro e no mundo, passados 20 anos.

O espetáculo foi realizado pelo pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio do Programa de Ação Cultural da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas. Estreou em setembro de 2023, no Sesc Pompeia. Em outubro, foi apresentado no Sesc Belenzinho e, em novembro, no Espaço Sobrevento.

VINTE ANOS DEPOIS

Em 1998, o Grupo Sobrevento criou o espetáculo “Cadê o meu Herói?”, que revelava a técnica da “luva chinesa”: os fantoches tal qual se constroem e se manipulam, tradicionalmente, na China. O espetáculo foi apresentado em todo o Brasil, e, muitas vezes, em praças públicas, para até 30.000 espectadores. Nessas ocasiões, os bonecos, pequenos, eram vistos em todos os seus detalhes por um telão que ficava ao lado do cenário. Com grande êxito de público e crítica e tendo conquistado o Prêmio Mambembe Especial, pela manipulação dos bonecos, o Sobrevento tornou-se célebre por essa montagem, que envolveu o dramaturgo argentino Horacio Tignanelli, a cenógrafa paulistana Telumi Hellen, o iluminador carioca Renato Machado, o escultor e mamulengueiro pernambucano Mestre Saúba (hoje representado pelo escultor Mandy e pelo escultor, bonequeiro, aderecista e cenotécnico Agnaldo Souza) e o bonequeiro chinês de quinta geração Yang Feng (hoje representado por seu irmão Yeung Fai).

A LUVA CHINESA

Conhecido, na China, como Budaixi ou Potehi, os fantoches chineses não são, a rigor, “bonecos de luva”, mas “bonecos de bolso” ou “bonecos de saco de pano”. Sua forma particular, que não se “encaixa” nos dedos, deixa a mão solta, livre, conferindo-lhes movimentos que fantoches ocidentais não são capazes de executar. Ações como servir e

tomar chá, lutas com lanças e espadas e até giros, piruetas e saltos mortais são algumas das muitas ações que esses bonecos podem fazer. A técnica demanda treinamento e aprendizado constantes, como um músico faz com o seu instrumento. O Sobrevento teve como mestre Yang Feng e, posteriormente, Yeung Fai, seu irmão, artistas que herdaram o seu ofício de quatro gerações de sua família. Neste espetáculo, fazemos uma homenagem ao Teatro de Bonecos chinês e a tudo o que a família daqueles mestres criaram e desenvolveram com as suas mãos: com um toque do deboche, da sem-cerimônia e da antropofagia brasileira, sempre pronta a se regozijar com os mais deliciosos petiscos estrangeiros, mas, sobretudo, sempre pronta a rir de si mesma.

SINOPSE

O mistério do desaparecimento de um grupo de teatro de bonecos, há 20 anos, tem ocupado os noticiários de todo o país. Um movimento espontâneo que envolve pessoas de todas as idades cobra das autoridades investigações que possam desvendar o que de fato aconteceu com o Sobrevento, que ficou mundialmente famoso, nos anos 90 e início dos anos 2000, pelo seu teatro de bonecos. Nas ruas, pichações e grafites perguntam: Cadê o Sobrevento?



Retrospectiva animada

No início dos anos 2000, o Grupo Sobrevento, trupe especializada em teatro de bonecos famosa pelo espetáculo *Cadê Meu Herói?*, desaparece sem deixar nenhuma pista. Moradores espalham cartazes pelas cidades, enquanto importantes personalidades da classe teatral cobram respostas às autoridades. Essa é a história de **Cadê o Sobrevento?: Vinte Anos Depois**, que estreia na próxima quinta (7) no Sesc Pompeia. A trama metalinguística resgata as donzelas e os cavaleiros de *Cadê Meu Herói?*, que estreou em 1998, fazendo uma retrospectiva do que aconteceu com eles, com o Sobrevento e com o mundo, passadas duas décadas. Como no espetáculo original, a montagem é assinada pelo dramaturgo argentino Horácio Tignanelli e utiliza os bonecos de luva chineses. A técnica foi ensinada ao grupo por Yeung Fai, artista chinês pertencente à quinta geração de uma família de marionetistas, e permite que os personagens façam movimentos complexos, como dar cambalhotas e estrelas, dançar com um leque e até servir um chá (foto). A direção é mais uma vez de Luiz André Brasil Cherubini, que se une aos manipuladores Agnaldo Souza, Maurício Santana e Sandra Vargas (50min). Livre. *Sesc Pompeia – Teatro. Rua Clélia, 93, Pompeia, ☎ 3871-7700. ♿ Sex. e sáb., 20h. Dom., 17h. R\$ 25,00. Até 1º/10. sescsp.org.br.*

Uma trupe vitoriosa que sabe rir de si mesma

Grupo Sobrevento faz nova temporada de seu espetáculo mais recente, 'Cadê o Sobrevento? – 20 Anos Depois', e surpreende os fãs ao adotar o registro do humor e do deboche, que há tempos não viamos em suas escolhas de repertório.

Por Dib Carneiro Neto (@dibcarneironeto)

Peru, Chile, Espanha, Colômbia, Escócia, Irlanda, Argentina, Angola, Irã, México, Suécia, Estônia, Inglaterra, França, Eslováquia, China e Índia.

Mas o que é esse amontoado de nomes de países para começar uma crítica? São os locais em que o Grupo Sobrevento, de São Paulo, já se apresentou, com seus espetáculos de animação de bonecos, formas e objetos. Fundado em 1986, o Sobrevento é um grupo que se dedica à pesquisa, teórica e prática. No Brasil, tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 23 estados. É um fenômeno. Um acontecimento. Um ponto fora da curva da mesmice e da falta de talento e inteligência. Um caso de sucesso frutífero em meio a tanta aridez que assola a cultura teatral brasileira.

Dito isso, vejam, agora no Sesc Belenzinho, o mais novo espetáculo da trupe, *Cadê o Sobrevento – 20 anos depois*. Eu vi no mês passado, na temporada de estreia em outra unidade do Sesc (Pompeia), e saí de lá com nó na garganta. Me emocionei com tanta alegria em cena, tanta brincadeira, tanto deboche. O Sobrevento em um registro de atuação que seus fãs há tempos não viam. Todos estão soltinhos, bem soltinhos, vestindo despojamentos, esbanjando sorrisos, distribuindo empatias.

Conto o básico do enredo: Um grupo de teatro de animação some de repente e fica desaparecido por 20 anos. Onde estará? No telão, uma reportagem em tom alarmista propaga esse sumiço. Enquanto isso, vemos num castelo o que se passou, depois de 20 anos, com os personagens de uma de suas peças, a última que o grupo tinha feito, *Cadê o Meu Herói?* Será que o sumiço da trupe tem a ver com esse castelo?



Foto: Marco Aurelio Olimpio

A partir desse mote, o Sobrevento deita e rola, como de fato não fazia no palco há alguns anos. Muita piada, muito trocadilho, deboches, sarcasmos. Fina ironia. Como eu avalio essa surpresa? Como sinal de pura maturidade do grupo. Depois de tantos espetáculos tão tocantes, emocionantes, poéticos em cada cena, sensoriais para a primeira infância ou focados na investigação da alma, eis que eles também têm a vontade de brincar, o desejo de ir além, a disposição para outros desafios. Um convite à festa. E, claro, em se tratando do Sobrevento, nenhuma diversão é mera diversão. O conceito por trás da fase de descontração é forte, atual, potente, qual seja: saber rir de si mesmo.

Quanta inteligência demonstra quem tem essa capacidade de olhar para sua trajetória e rir. Rir tanto dos sucessos quanto das dificuldades. Rir de toda pesquisa, rir de cada dedicação. E fazer esse riso resultar em crescimento, em inspiração para que a plateia também faça o mesmo. Afinal, o País passou recentemente por poucas e boas. É hora de refletir sobre tudo o que enfrentamos – e por que não usar um tom de celebração e graça? Eis a chave para se compreender o trabalho atual do Sobrevento.

E tem mais. Tema bom nunca falta para o Sobrevento. Fartura em temáticas sempre marcou o grupo. A princesinha que ficou por 20 anos crescendo e virando adulta dentro de um castelo/clausura agora quer liberdade. Usando humor, o espetáculo fala com os jovens sobre anseios de libertação, sobre alçar voos, sobre vencer medos, destravando as portas majestosas que emperram nossas buscas. Palmas para a dramaturgia do argentino Horácio

Tignanelli, mais uma vez recrutado pelo Sobrevento. O texto é espertamente coloquial, informal, com várias expressões jovens contemporâneas – e vejo isso como uma coerência a mais na opção por uma montagem acolhedora, nada formalizante, ao contrário, que procura ficar bem próxima do ‘aqui e agora’, mesmo se passando dentro de um castelo medieval.



Foto: Marco Aurelio Olimpico

E por falar em mundo contemporâneo, há um telão o tempo todo no palco, ao lado do magnífico castelo cenográfico projetado por Telumi Hellen. O telão tem seu propósito imediato e pragmático: fazer com que a plateia veja mais de perto a precisa manipulação dos bonecos, uma técnica milenar chinesa que o Sobrevento aprendeu com muito esforço e resultados inacreditáveis. Desde dançar e lutar até simplesmente servir um chá – as ações de cada boneco são de um requinte de se tirar o chapéu. Repare nas cenas com o leão, por exemplo. Quanto acerto, que eficiência. O Sobrevento é mesmo um orgulho nacional quando consegue assim, com essa expertise, ir além dos limites mais comuns da animação feita ao vivo no teatro.

Mas o telão está ali no canto do palco para além disso. Pode-se fazer a leitura desse elemento como uma referência a tudo o que o teatro enfrentou durante os anos de isolamento rígido da atual pandemia. Todos tivemos de correr para o meio audiovisual e mostrar os espetáculos assim, em telas, telas e mais telas. O telão do Sobrevento está ali talvez para nos fazer rir disso. Um riso incômodo. Tudo acontecendo ali ao vivo à nossa frente, em teatros do Sesc que nem são tão grandes assim, mas nosso olhar foi treinado na pandemia para se fixar nas

telas. É quase um humor cáustico a presença do telão. Um elemento risível a mais nessa história de resistência do Sobrevento e, por extensão, de todos nós.

O rigor técnico a que me referi acima não engessa o espetáculo. Há espaço para o humor também no que tange ao trabalho dos atores com a manipulação dos bonecos. Cito como exemplo a cena em que o oriental vai partir a madeira em dois pedaços. A mão do manipulador surge para a plateia e faz todo mundo rir do inesperado – o truque brechtianamente revelado.



Foto: Marco Aurelio Olimpio

Menciono aqui também, sem dar spoiler, a incrível ideia de fazer o final da peça com a participação de alguém da plateia. A pândega aí se instaura sem mais nenhum pudor. A solução para o sumiço do Sobrevento por 20 anos, enfim desvendado, é hilária, o cume do deboche. Com figurinos brilhosos (João Pimenta), remetendo a estéticas mais populares, os atores surgem à boca de cena – e mais não posso contar, para não estragar o final. Cantando e tocando, com uma energia contagiante (trilha de ninguém menos do que Arrigo Barnabé), o Sobrevento se despede, não sem antes declarar todo o seu amor para a plateia, na letra da canção de encerramento: “O melhor do teatro é o que vemos daqui.” Ah, que lindo – quem resiste?

SERVIÇOS

Sesc Belenzinho. Rua Padre Adelino, 1.000, Belém, São Paulo, tel. 11 2076-9700. São Paulo.

Quinta (12/10), sessão extra, às 17 horas. Temporada normal: sexta a domingo, sempre às 17h. Até. 29/10.

Ingressos: Grátis para crianças até 12 anos. R\$ 8 (credencial plena), R\$ 12,50 (pessoas com +60 anos, estudantes e professores da rede pública de ensino); e R\$ 25 (inteira).



DIB CARNEIRO NETO

Jornalista, dramaturgo e crítico teatral. Começou a escrever críticas sobre teatro infantil em 1990, na revista Veja São Paulo. Foi editor-chefe do caderno de cultura do jornal O Estado de S. Paulo (2003 a 2011). Atualmente, edita o site e canal do youtube Pecinha É a Vovozinha, que ganhou o Prêmio Governador do Estado em 2018, na categoria Artes para Crianças, além de menção honrosa

no Prêmio Cbtij. Por sua peça Salmo 91, ganhou o Prêmio Shell de dramaturgo em 2008. Em 2018, ganhou o Jabuti pelo livro Imaginai! O Teatro de Gabriel Villela.

CADÊ O SOBREVENTO?



Há anos o *Grupo Sobrevento* vem nos deliciando com seu teatro de animação (de bonecos e/ou de objetos). Cada nova montagem é uma surpresa que enche os olhos, o coração e a mente do espectador.

A grande sacada do *Sobrevento* é que seus espetáculos para bebês e infantis agradam também os adultos e os mais que adultos, velhinhos como eu!

Quanto aos espetáculos para adultos como *Noite*, *Escombros* e *Pérsia*, a beleza da montagem está sempre firmemente associada a reflexões sobre a nossa realidade e a condição humana.

Nos seus 37 anos de existência o *Sobrevento* coleciona prêmios e espetáculos bem sucedidos e não é diferente com este *Cadê o Sobrevento?* recém estreado no SESC Pompeia.

A trama, bem costurada pelo dramaturgo argentino Horácio Tignanelli, envolve o sumiço dos integrantes do grupo enquanto conta a história da menina Rosita, presa em um castelo pela mãe que teme o mundo lá fora.

Os bonecos, fantasticamente manipulados por Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Agnaldo Souza e Maurício Santana, contam a história lutando karatê, tomando chá, tocando guitarra, dançando, caindo, levantando, rodopiando no ar e tudo mais que se possa imaginar.



O surpreendente final, quando o segredo do desaparecimento do grupo é revelado, ficará conhecido apenas por aqueles que forem assistir à peça, porque não vou ser eu o desmancha prazer de revelá-lo aqui.

O espetáculo é belo e muito cuidado nos mínimos detalhes como a cenografia de Telumi Hellen, a iluminação de Renato Machado, os figurinos (lindos!) de João Pimenta e a fantástica trilha de Arrigo Barnabé que comenta toda a ação da peça.

Uma dica: tente sentar o mais próximo possível do palco para apreciar os detalhes de cada boneco com seus movimentos e ações.

Ao final os atores explicam como funciona a manipulação e deixam as crianças "vestirem" os bonecos.

Tudo muito lindo e mágico.



Crianças e adultos abandonam o teatro alegres e com as almas alimentadas.

CADÊ O SOBREVENTO? Está em cartaz no teatro do SESC Pompeia só até 01 de outubro, mas seguirá em cartaz na segunda semana de outubro no SESC Belenzinho e posteriormente se apresentará em sua sede na Rua Coronel Albino Bairão, 42 no Brás.

Fotos de Marco Aurélio Olímpio

VÁ E LEVE A CRIANÇA QUE MORA EM VOCÊ!!

24/09/2023

Postado por José Cetra às [08:17](#)



Cadê o Sobrevento? Vinte anos depois

por Mônica Rodrigues da Costa

O espetáculo *Cadê o Sobrevento? Vinte anos depois*, em cartaz no Sesc Pompeia até 1º/10 e no Sesc Belenzinho de 12 a 29/10/2023, realiza narrativas múltiplas que mobilizam o teatro e o levam adiante na história ao comentar fatos recentes da sociedade brasileira e da própria companhia.

A montagem inscreve uma versão dos acontecimentos em pichações e grafites nas paredes de um castelo, além de transcriar uma de suas peças, *Cadê o meu herói?* (1998).

Na peça original, havia um barão malvado que queria se casar com a princesa Colherzinha de Mel, mas o Grupo Sobrevento desapareceu e levou junto esses personagens. Onde estão agora e o que ocorreu com os bonecos de luva?

Em *Cadê o Sobrevento?* há uma baronesa e sua filha, Rosita, adolescente contemporânea que fala gírias e usa celular.

A encenação tem direção de Luiz André Cherubini e dramaturgia do bonequeiro argentino Horacio Tignanelli, que também é astrônomo e autor de obras científicas, entre elas, o livro para crianças *El titiritero de la paloma* (Ediciones Colihue, 1995).

No atual espetáculo, o Sobrevento recebeu a orientação presencial do mestre chinês Yeung Fai para a manipulação dos bonecos de luva.

A cenografia é de Telumi Hellen, a direção musical e músicas, de Arrigo Barnabé, figurinos de João Pimenta, iluminação de Renato Machado e escultura dos bonecos de Agnaldo Souza e Mandy.

O enredo compara o destino dos personagens com a saga dos anteriores, cobrindo o intervalo de 20 anos. No mesmo castelo da história de 1998, a trama atual mostra a baronesa preocupada com o futuro de sua filha, que fez 18 anos e quer sair do castelo para conhecer o mundo e se aventurar.

Os cartazes urbanos explicam o contexto contemporâneo, que aborda as ameaças políticas ao Brasil democrático, a situação precária dos artistas na pandemia e a história do Sobrevento, continuamente voltando à encenação da narrativa da mãe que mantém a filha no alto de uma torre para evitar que se vá.

Mas a garota tem discernimento e avisa à mãe que não adianta fazer chantagem emocional para que não parta, pois já cresceu e está na hora de ver o mundo real.

A baronesa grita de medo sempre que vê intrusos ou monstros invadirem o castelo e pede a ajuda de seu súdito Alfredo, que chama o exército da fortificação para montar guarda e expulsa monstros e invasores que aparecem na fortificação à procura de Rosita.

O espetáculo é rico em conversas entre os atores-manipuladores e os bonecos e a partir da interação com o público. Em algumas cenas esses atores apenas narram as aventuras do teatro e seu figurino surpreende por mostrar texturas, rendas e bordados que evocam a estética dos ambientes dos mamulengos brasileiros.

Há cenas de animação com voos de asa-delta, vigilância por helicópteros, combate a intrusos e exibição de um noticiário e outros elementos no ambiente da trama.

Impressiona a movimentação dos bonecos, que conseguem realizar desde movimentos amplos, como saltos mortais e lutas, até uma comunicação gestual minuciosa, como se abanar com um leque, servir um chá com líquido de verdade e passar a xícara para o outro personagem.

Há momentos em que os bonecos fazem acrobacias e os atores-manipuladores mostram à plateia a linguagem gestual dos títeres, de que forma voam para o alto, voltando intactos às suas mãos para continuar a cena em que a aventura estacionou, o que encanta adultos e crianças.

A iluminação contrastante dá prioridade à visibilidade do espectador. Uma câmera no palco projeta para a plateia num telão os mínimos movimentos com objetos pequenos, como um bule com água de verdade para o chá.

Já perto do final da peça o noticiário informa que o Sobrevento foi visto e os integrantes do grupo estavam envelhecidos. E agora? O jeito é procurar por eles na Cooperativa Paulista de Teatro, mas isso é outra história para você conhecer no site da companhia.

Espetáculos do Sobrevento

As marcas do Grupo Sobrevento são a originalidade, o trabalho rigoroso do ator e da manipulação de bonecos e objetos animados. A companhia tem espetáculos dirigidos a vários públicos, adulto, infantil e jovem, sempre com técnicas variadas de movimentação de bonecos e objetos e do teatro de sombras.

O grupo se formou 37 anos atrás numa iniciativa de Sandra Vargas, Luiz André Cherubini e Miguel Vellinho. Desde o início suas montagens chamaram a atenção pela virtuosidade técnica e tramas diferentes. O Sobrevento desenvolve estéticas particulares para cada espetáculo. Tem cerca de 30 montagens para todos os públicos, entre elas, o premiado espetáculo *São Manuel Bueno, mártir* (2013).

Para crianças, *Mozart moments*, de 1991, conquistou o público pela excelência de manipulação do bunraku e pela interação entre personagens de bonecos e atores-manipuladores, além de ser uma encenação criativa, com outros arranjos inteligentes, como o figurino do século 18 totalmente branco – roupas como páginas livres em que então puderam reescrever livremente o enredo.

O espetáculo ganhou os prêmios Coca-Cola de Teatro Infantil (1991) e Maria Mazzetti/RioArte de Teatro de Bonecos (1992). De forma inusitada, a trama, com assuntos aparentemente adultos – sobre a difícil vida do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) –, conquistou o público infantil nos anos 90.

No espetáculo de sombras coloridas *A cortina da babá* (2011), adaptação do conto *Nurse Lugton's Curtain*, de Virginia Woolf (1882-1941), o Sobrevento aperfeiçoou as principais técnicas chinesas com sombras a partir de treinamento com Liang Jun, diretor da Cia. de Arte Popular de Shaanxi (China), que veio ao Brasil especialmente para essa orientação.

No teatro com títeres de luva *Cadê o meu herói?* A criação dos bonecos foi do mamulengueiro pernambucano Mestre Saúba e o mestre chinês Yang Feng orientou o movimento dos bonecos. Horacio Tignanelli colaborou com a dramaturgia.

Sucesso de público e de crítica, teve como destaques a técnica de manipulação e a produção de efeitos visuais tecnológicos que contrasta com a temática das novelas de cavalaria, gênero do qual o enredo se

originou. O espetáculo recebeu o Prêmio Mambembe, da Funarte, Ministério da Cultura (1998).

A partir de 2010, o Sobrevento passa a explorar também o gênero de teatro para bebês, que adota procedimentos de som e iluminação em suas performances visuais, por exemplo, como em *Terra* (2016), que aguçam a curiosidade sobre as imagens e conduzem a respostas sensoriais.

O grupo realiza periodicamente eventos internacionais e traz ao Brasil especialistas de diferentes países. Lançou os festivais Primeiro Teatro e Primeiro Olhar – Festival Internacional de Teatro para Bebês, criados em parceria com a Cia. La Casa Incierta (Brasília/Madri). Praticamente inaugurou o gênero no Brasil.

Ficha técnica

Criação: Grupo Sobrevento. Dramaturgia: Horacio Tignanelli. Direção: Luiz André Cherubini. Atores–manipuladores: Agnaldo Souza, Luiz André Cherubini, Maurício Santana e Sandra Vargas. Assessoria de manipulação de Luva Chinesa: Yeung Fai. Cenografia: Telumi Hellen. Cenotecnia: Casa Malagueta (Equipe: Giorgia Massetani, Júlia Leandro, Igor B Gomes, Dandhara Shoyama, João Chiodo, Champzss e Alício Silva). Direção musical e músicas: Arrigo Barnabé. Figurinos: João Pimenta. Iluminação: Renato Machado. Técnico de iluminação: Marcelo Amaral. Escultura dos bonecos: Agnaldo Souza e Mandy. Bonecos e adereços: Agnaldo Souza. Figurinos dos bonecos: J. E. Tico. Assistência de figurinos dos bonecos: Bernardo Puyol. Operação de som e vídeo: Lupe Cherubini. Programação visual: Marcos Corrêa / Ato Gráfico. Fotos: Marco Aurélio Olímpio Vídeo: Icarus Filmes.

Mônica Rodrigues da Costa é jornalista especializada em infância, poeta e professora, autora na antologia O livro dos medos (Companhia das Letrinhas) e coautora da página Zoemas no Facebook. Integra o coletivo Colo de Jornalismo Infantojuvenil. Foi crítica de teatro para crianças na Folha de S.Paulo de 1995 a 2020 e é jurada da APCA. Colabora com o site Panis & Circus.

<https://guiaoff.com.br/critica/cade-o-sobrevento-vinte-anos-depois/>



CONDIÇÕES TÉCNICAS

A - Título:

CADÊ O SOBREVENTO?

B - Público-Alvo:

Livre

C - Espaço:

Teatros tradicionais. A relação com a plateia deve ser sempre frontal.

Largura: 8 m

Profundidade: 6 m

Altura: 6 m

D - Duração:

Duração do espetáculo: Cerca de 1h15.

Tempo de montagem: Cerca de 8h.

Tempo de desmontagem: Cerca de 2h.

E - Necessidades Técnicas - Pessoal e Equipamento:

Pessoal de apoio à montagem: 1 eletricista e 1 técnico de som.

Equipamento de luz: 12 ETC JR (7 Com Iris e 2 Com Porta Gobo), 14 Locolights, 2 Par #1, 2 Par #2, 13 Par #5, 10 PCs, 7 Pin Beams, 9 ParLed RGBWA 8CH. O Grupo leva 6 MicroPar MR16 220V e 3.7m de FitaLed RGBS.

Equipamento de som: Equipamento de som potência adequada às características do local de apresentação, 2 monitores no palco, 4 headsets, 2 shotgun, 1 direct box.

Equipamento de vídeo: Projetor.

Alimentação: Café e água durante a montagem. Caso houver atraso na montagem ou o local designado para as refeições for longe do teatro, providenciar lanche reforçado no próprio teatro.

F - Transporte de Cenário - Composição, Dimensão, Peso:

O material pode ser transportado em um caminhão-baú de 4m, pesa cerca de 432 kg e ocupa um volume de 12 m³. O elenco pode ser transportado em uma van em trajetos de até 300 km.

G - Elenco:

4 atores, 1 iluminador, 1 operador de som e vídeo.

Atores:	Sandra Vargas, Luiz André Cherubini, Agnaldo Souza e Maurício Santana.
Técnicos:	Marcelo Amaral e Lupe Cherubini ou Giuliana Pellegrini



FICHA TÉCNICA

CRIAÇÃO: Grupo Sobrevento
DIREÇÃO: Luiz André Cherubini
ATORES-MANIPULADORES: Agnaldo Souza, Luiz André Cherubini, Maurício Santana e Sandra Vargas
DRAMATURGIA: Horácio Tignanelli
ASSESSORIA DE MANIPULAÇÃO DE LUVA CHINESA: Yeung Fai
CENOGRAFIA: Telumi Hellen
CENOTECNIA: Casa Malagueta (Equipe: Giorgia Massetani, Júlia Leandro, Igor B Gomes, Dandhara Shoyama, João Chiodo, Shampzss e Alício Silva)
DIREÇÃO MUSICAL E MÚSICAS ORIGINAIS: Arrigo Barnabé
SOLO DE VIOLÃO - EXECUÇÃO: Maria Haro
SOLO DE VIOLÃO - SUPERVISÃO DA GRAVAÇÃO: Vera de Andrade
FIGURINOS: João Pimenta
ILUMINAÇÃO: Renato Machado
TÉCNICA E OPERAÇÃO DE LUZ: Marcelo Amaral
ASSISTÊNCIA DE ILUMINAÇÃO: Guilherme Soares
ESCULTURA DOS BONECOS: Agnaldo Souza e Mandy
BONECOS E ADEREÇOS: Agnaldo Souza
FIGURINOS DOS BONECOS: J. E. Tico
ASSISTÊNCIA DE FIGURINOS DOS BONECOS: Bernardo Puyol
OPERAÇÃO DE SOM E VÍDEO: Lupe Cherubini
PRODUÇÃO EXECUTIVA: Maurício Santana
PROGRAMAÇÃO VISUAL: Marcos Corrêa / Ato Gráfico
FOTOS: Marco Aurélio Olímpio
FOTOS DO BARÃO: Lauro Medeiros
VÍDEO: Ícarus Filmes
DEDPOIMENTOS EM VÍDEO: Arrigo Barnabé, João Pimenta e Telumi Hellen
ATRIZ DO VÍDEO (REPÓRTER): Adriana Telg
ASSISTÊNCIA À ENCENAÇÃO: Rafa Cambará e Ludmila Flores
MIXAGEM DE SOM: Beto Mendonça / Estudio185



ENDEREÇOS

ESPAÇO SOBREVENTO
R. Coronel Albino Bairão, 42
Metrô Bresser-Mooça – São Paulo – SP

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
R. Tenente Azevedo, 104/201-A
01528-020 – São Paulo – SP

TELEFONES

ESPAÇO SOBREVENTO
(11) 2692-1549

CELULARES / WHATSAPP
(11) 99237-5132
(11) 96625-8215

INTERNET

CORREIO ELETRÔNICO
grupo@sobrevento.com.br

SÍTIO
<http://www.sobrevento.com.br>

REDES SOCIAIS
<https://www.facebook.com/sobrevento/>

<https://www.instagram.com/sobrevento/>